

Apresentação

A Comissão Editorial da revista *Intexto*, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS), tem o prazer de apresentar a segunda edição de 2011 (v. 2, nº 25) revitalizada por uma nova apresentação gráfica. O novo *layout* representa o esforço de aperfeiçoamento contínuo de uma publicação que persegue parâmetros de qualidade tanto na forma quanto no conteúdo.

Esta edição é composta de 17 artigos e uma resenha. De autores das mais diversas procedências, os textos constituem importante contribuição para a análise crítica de temas pertinentes aos campos da Comunicação e da Informação, e resultam de criterioso trabalho de avaliação dos membros do Conselho Editorial e de pareceristas *ad hoc* especialmente convidados.

Os seis primeiros artigos compartilham uma mesma temática – o jornalismo. No primeiro deles, *O jornalista em 'Jornalismo' (1967-1971): contribuição sindical para a construção do pensamento jornalístico português*, que abre a edição, Jorge Pedro Souza, Patrícia Teixeira, Liliana Mesquita Machado e Maria Érica de Oliveira Lima descrevem, através de uma análise qualitativa do discurso, a concepção profissional vigente em Portugal no final da década de 1960 e início dos anos 1970, período em que o país vivia sob o regime do Estado Novo, mas em que o jornalismo se modernizava e rejuvenescia. Os autores analisam o periódico *Jornalismo*, órgão do Sindicato dos Jornalistas de Portugal (SNJ), e concluem que seus redatores preocupavam-se menos com a definição da profissão e mais com a sua dignificação, como reforço de identidade e como base para reivindicações de melhores condições para o exercício profissional.

No segundo artigo, *Jornalistas e teorias: conciliação possível?*, Mozahir Salomão Bruck parte do pressuposto de que as teorias, conceitos e noções desenvolvidos nas últimas décadas em todo o mundo pouco têm influenciado ou contribuído para mitigar muitos dos principais desvios, incongruências e deficiências historicamente diagnosticadas em relação ao fazer jornalístico. O autor pergunta: por que os estudos teóricos do jornalismo contribuem pouco para melhorar as práticas profissionais do campo? Tal questão ganha ainda mais relevância na medida em que, na sua função de enquadramento e mediação do cotidiano e nas suas conhecidas formas em termos de dispositivo sócio-técnico, o próprio jornalismo tem experimentado importantes alterações em seus modos de produção e distribuição dos enunciados por meio dos quais tenta apresentar a seus públicos o cotidiano em que esses estão inseridos.

No terceiro, *Os gêneros jornalísticos no twitter: um estudo comparativo de organizações jornalísticas*, Lia Fonseca Seixas toma o microblog como objeto de análise para investigar o que as instituições jornalísticas têm produzido nessa ferramenta e identificar a possível criação de novos gêneros de texto. Através de uma análise comparativa dos “tuítes” do @guardian_world, da @folha_mundo, da @folha_cotidiano e do @el_pais, a autora constata a existência de novos gêneros jornalísticos, que, embora comuns em outros campos, não são freqüentes em produtos jornalísticos.

Em *Crêterios de noticiabilidade e pauta da mídia legislativa da Câmara dos Deputados*, Cristiane Brum Bernardes, autora do quarto artigo, analisa as mídias legislativas TV Câmara, Jornal da Câmara e Agência Câmara, com o objetivo de compreender a influência dos valores-notícia clássicos na organização da pauta e nas rotinas de produção desses veículos. A conclusão a que chega é que eles acabam adotando os mesmos critérios da mídia comercial, como forma de obter legitimidade no campo jornalístico.

O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010, o quinto artigo, de Aline Strelow, resulta da análise de conteúdo de 853 textos sobre jornalismo publicados em 17 periódicos acadêmicos de circulação nacional na primeira década dos anos 2000. Realizada durante o estágio de pós-doutoramento da autora, a pesquisa revelou o crescente interesse por estudos de linguagens e tecnologias, o caráter empírico da maioria dos estudos e a escassa discussão metodológica.

Fechando esse bloco de seis artigos sobre o tema, em *No jornalismo, entre atualidade e recorrência: um acontecimento de longa duração*, Ângela Zamin faz um exercício de análise da cobertura do jornal *El Tiempo* sobre a crise diplomática entre Colômbia e Equador. Tomando como corpus o conteúdo publicado pelo periódico colombiano entre março de 2008 e março de 2010, a autora circunscreve o tema ao conceito de acontecimento de longa duração e analisa os campos problemáticos emergentes, assim como retorno dos quadros de sentido dos acontecimentos que se sucedem.

No 7º artigo desta edição, *À flor da pele: narrativas híbridas, cotidiano e comunicação*, José Salvador Faro procura mostrar como os padrões culturais da modernidade tardia se instituem num conjunto que conforma a existência sensível e dá a ela elementos de racionalidade instrumental com a qual o social lê e interpreta aquilo que o cerca. O foco da análise sustenta-se na hipótese de que essa perspectiva se reproduz a partir do seu próprio imediatismo. As práticas da comunicação seriam, portanto, instrumentos construtores desse universo sob uma perspectiva híbrida: a da informação e a da reiteração desse processo cultural.

No 8º texto, *Práticas de comunicação e desenvolvimento cognitivo na cibercultura*, Fátima Regis Oliveira sustenta que as ciências cognitivas ampliaram a noção de cognição, incluindo corpo, objetos técnicos e interações sociais para demonstrar que: a) a cognição não se reduz a processos de níveis superiores do intelecto

humano e b) que o sistema de mídias, em vez de embotar, tem potencial para ativar diferentes habilidades cognitivas.

Cibercultura também é o tema do 9º artigo. Em *Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações – blogs, Twitter, Facebook e Flipboard*, Alex Fernando Teixeira Primo debate como o jornalismo em rede tem transformado a produção e circulação de notícias e processos, como gatekeeping e agenda-setting, a partir da ação interdependente de pessoas comuns, jornalistas, organizações e tecnologias digitais. O autor analisa as interações no aplicativo Flipboard e demonstra como elas fomentam a construção do que nomeia de composto informacional midiático.

A experiência singular dos jogos digitais: o videogame em suas potencialidades estéticas, de Carlos Magno Camargo Mendonça e Filipe Alves de Freitas, é o 10º artigo. Nesse texto, os autores propõem a hipótese de que a análise das potencialidades estéticas dos jogos digitais requer uma perspectiva que conceba a experiência estética como uma questão relacional, e ensaiam a aplicação do sistema teórico proposto por John Dewey a dois jogos casuais. Com isso, procuram demonstrar a possibilidade de perceber outras dimensões que não a narrativa como âmbito de expressão das obras.

O 11º artigo é de Ana Carolina Sampaio Coelho. *Sociedade em rede: a revolução é compartilhada* trata de como a sociedade em rede e a web 2.0 servem de suporte para a auto-organização dos novos movimentos sociais. A autora centra a discussão no papel das mídias sociais na articulação das recentes revoltas nos países do norte da África e no Oriente Médio questionando como o fenômeno da globalização, em articulação com as novas mídias, pode ser capaz de instaurar uma nova democracia e ampliar a noção de cidadania.

Eugênia Mariano da Rocha Barichello e Jones Machado assinam o 12º texto, *Convergência midiática: elemento estratégico no processo de construção da*

produção televisiva de On Line. Neste, analisam o seriado On Line produzido pelo Núcleo de Especiais da RBT TV com o objetivo de evidenciar a utilização da convergência midiática como recurso estratégico na estruturação, manifestação e expansão dos textos televisuais.

No 13º, *As representações do trabalho feminino na telenovela: contribuições para uma análise do gênero teleficcional*, Lírian Sifuentes, Renata Córdova da Silva e Laura Wottrich fazem uma reflexão sobre a representação da mulher nas telenovelas. A partir da categoria “trabalho”, discutem a metodologia de análise que faz uma releitura do modelo encoding/decoding de Stuart Hall. As autoras concluem que, apesar da relativa valorização do trabalho feminino, as tramas continuam a retratar a divisão sexual do trabalho a partir do modelo homem-esfera pública/mulher-esfera privada.

Em *Formatos de interatividade da TV digital: estudo de caso do quadro “Bola Cheia, Bola Murcha”*, Ligia Campos de Cerqueira Lana e Rosenyr de Paula, autoras do 14º artigo, analisam o quadro do programa Fantástico, da Rede Globo, e discutem a integração do telespectador na narrativa televisiva.

No 15º texto, *Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático*, Rozinaldo Antonio Miani procura identificar e compreender os principais elementos conceituais a definir a comunicação comunitária e analisar a sua presença no contexto de uma sociedade globalizada, marcada pelo monopólio midiático. O autor procura avaliar as potencialidades políticas e culturais da comunicação comunitária.

O corpo intersex e a politização do abjeto em XXY é o 16º artigo, no qual Leandro Colling e Matheus Araújo dos Santos perguntam: o que nos pode dizer o corpo intersex? Como o debate se amplia ao ser tratado no âmbito dos meios de comunicação, especialmente no cinema? A partir da análise do filme XXY, de Lúcia Puenzo, os autores problematizam estas e outras questões relacionadas aos corpos

e desejos desviantes, e defendem que o filme, em consonância com os estudos queer, está atento para a politização dos corpos considerados abjetos.

O artigo que fecha a edição, o 17º, é de autoria de Maika Castellano. Em *Lixo é coisa de homem! As questões de gênero na subcultura cinematográfica do trash*, a autora analisa a forma como as relações entre os gêneros feminino e masculino se dão no interior da comunidade de fãs e pesquisadores do cinema “trash”. A partir de estudos do paracinema e da observação da sociabilidade mantida pelos aficionados no Orkut, investiga como se estabelece a construção do culto à masculinidade.

Por fim, Mônica Pieniz e Carlos Alberto Orellana Gonçalves resenham a obra *Ética na Comunicação: princípios para uma prática responsável*, de Patrick Lee Plaisance, publicado no Brasil em 2011 pela Editora Penso.

A Comissão Editorial agradece a todos os colaboradores desta edição e deseja a todos uma boa leitura.

Virginia Pradelina da Silveira Fonseca
Editora